

# Prefácio

*Eric Hobsbawm*

## **A odisseia da publicação dos *Grundrisse***

O lugar dos *Grundrisse* na obra de Karl Marx e a trajetória de sua publicação são, em muitos aspectos, peculiares. Em primeiro lugar, trata-se do único exemplo de um conjunto significativo dos escritos maduros de Marx que, na prática, permaneceram inteiramente desconhecidos dos marxistas por mais de meio século após sua morte – e, de fato, quase completamente inacessíveis até quase um século depois da redação dos manuscritos reunidos sob esse título. Quaisquer que sejam os debates acerca de sua importância, os escritos de 1857-58, claramente parte do esforço intelectual que culminaria em *O Capital*, representam Marx em sua plena maturidade – sobretudo enquanto economista. Isso distingue os *Grundrisse* de outro acréscimo póstumo ao *corpus* da obra marxiana: os escritos de juventude (*Die Frühschriften*), de 1932. O lugar exato desses escritos do início da década de 1840 no desenvolvimento teórico de Marx foi amplamente debatido, com ou sem razão, mas não há divergência quanto à maturidade dos escritos de 1857-58.

Em segundo lugar, e de forma um tanto surpreendente, a publicação completa dos *Grundrisse* ocorreu sob condições que podem ser consideradas as menos favoráveis a qualquer desenvolvimento original dos estudos marxianos e do pensamento marxista – a saber, na União Soviética e na República Democrática Alemã, no auge da era stalinista. A publicação de textos de Marx e Engels continuou a ser uma questão sujeita à

aprovação das autoridades políticas mesmo mais tarde, como descobriram editores envolvidos em edições estrangeiras de suas obras. Ainda não está claro como foram superados os obstáculos à publicação, incluindo a purga do Instituto Marx-Engels e a eliminação – seguida do assassinato – de seu fundador e diretor, David Riazanov, ou como Paul Weller, responsável pelo trabalho sobre o manuscrito entre 1925 e 1939, sobreviveu ao terror de 1936-38 para concluí-lo. Pode ter ajudado o fato de as autoridades não saberem exatamente o que fazer com aquele texto extenso e difícil. No entanto, é evidente que tinham dúvidas quanto ao seu status preciso, sobretudo porque Josef Stálin considerava que os rascunhos manuscritos eram menos importantes do que os três volumes de *O Capital*, que refletiam a posição e as concepções maduras de Marx. Na verdade, os *Grundrisse* só foram publicados na íntegra em tradução russa em 1968-69, e nem a edição original alemã de 1939-41 (publicada em Moscou) nem a sua reimpressão de 1953 (em Berlim) foram incluídas oficialmente na *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA) – apenas “no formato da MEGA” – ou nas *Marx Engels Werke* (MEW). No entanto, ao contrário dos *Frühschriften* de 1844, que desapareceram do *corpus* marxiano oficial após sua aparição original na MEGA de 1932, os *Grundrisse* chegaram a ser publicados mesmo no auge da era stalinista.

A terceira peculiaridade reside na prolongada incerteza quanto ao estatuto dos manuscritos de 1857-58, refletida nas variações de título que receberam no Instituto Marx-Engels-Lênin durante a década de 1930, até adquirirem o nome *Grundrisse*, pouco antes da impressão. De fato, a natureza exata de sua relação com os três volumes de *O Capital* – publicados por Marx e posteriormente reconstruídos por Friedrich Engels e, a partir das notas de 1861-63, por Kautsky, como uma espécie de quarto volume (*Teorias do mais-valor*) – permanece objeto de debate.

Kautsky, que examinou os manuscritos, aparentemente não soube o que fazer com eles. Publicou apenas dois trechos na revista

*Die Neue Zeit*, e nada mais: o breve “Bastiat e Carey” (1904), que teve pouco impacto, e a chamada “Introdução” à *Contribuição à crítica da economia política* (1903), nunca concluída e, portanto, não publicada junto ao livro homônimo de 1859 – texto que viria a se tornar referência precoce para aqueles que buscavam ampliar a interpretação marxista para além das ortodoxias vigentes, especialmente entre os austromarxistas. Até hoje, é provavelmente a parte mais amplamente discutida dos *Grundrisse*, embora alguns comentadores citados no próprio livro questionem se ela de fato pertence ao conjunto. O restante dos manuscritos permaneceu inédito e, de fato, desconhecido, até que Riazanov e seus colaboradores em Moscou obtiveram cópias fotográficas em 1923, organizaram o material e planejaram sua publicação na MEGA. É interessante especular sobre o impacto que poderiam ter tido se tivessem sido publicados em 1931, como originalmente planejado. A data da sua publicação efetiva – no final de 1939 e uma semana após a invasão da União Soviética por Hitler, em 1941 – fez com que permanecessem praticamente desconhecidos no Ocidente até a reimpressão de 1953, em Berlim Oriental, embora cópias raras tenham chegado aos Estados Unidos, onde, a partir de 1948, o trabalho foi analisado pelo grande pioneiro intérprete dos *Grundrisse*, Roman Rosdolsky, recém-chegado ao país após passar por Auschwitz e vários outros campos de concentração.<sup>1</sup> É difícil acreditar que a maior parte da edição alemã original, “enviada [...] à frente de guerra como material de agitação contra soldados alemães e posteriormente a campos como material de estudo para prisioneiros de guerra”,<sup>2</sup> tenha atingido seus objetivos teóricos ou práticos.

A reimpressão integral de 1939-41, que se tornou a *editio princeps* para a recepção internacional dos *Grundrisse*, foi

---

<sup>1</sup> Roman Rosdolsky. *The Making of Marx's Capital*. Londres: Pluto Press, 1977.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 204.

republicada na República Democrática Alemã, em 1953, alguns anos antes da publicação da MEW, mas deliberadamente sem vínculo direto com esta. Com uma única exceção, a obra não começou a exercer influência significativa nos estudos sobre Marx até a década de 1960. Essa exceção foi a seção “Formas que precederam a produção capitalista”, publicada separadamente em russo, em 1939 (assim como, um pouco antes, o “Capítulo sobre o dinheiro”), traduzida para o japonês entre 1947 e 1948, republicada em alemão em 1952 e depois traduzida para o húngaro (1953) e o italiano (1954), sendo certamente discutida entre historiadores marxistas do mundo anglófono. A tradução para o inglês,<sup>3</sup> acompanhada de uma introdução explicativa, foi logo publicada em versões espanholas na Argentina (1966) e na Espanha sob o regime de Franco (1967). É plausível que o interesse especial desse texto para historiadores marxistas e antropólogos sociais explique sua ampla difusão muito antes da disponibilidade dos *Grundrisse* completos, bem como sua relevância específica para a muito contestada análise marxista das sociedades do Terceiro Mundo. Ele iluminou o debate sobre o “modo de produção asiático”, controversamente revivido no Ocidente por obras como *Despotismo oriental: um estudo comparativo do poder total*, de Karl August Wittfogel.<sup>4</sup>

### **Sobre a história da recepção dos *Grundrisse***

A história da recepção dos manuscritos de 1857-58 começa, de fato, com o grande esforço, após a crise de 1956, de libertar o marxismo da camisa de força da ortodoxia soviética, tanto dentro como fora dos partidos comunistas, que já não eram monolíticos.

---

<sup>3</sup> Karl Marx. *Pre-capitalist Economic Formations*. Londres: Lawrence & Wishart, 1964.

<sup>4</sup> Karl August Wittfogel. *Oriental Despotism: A Comparative Study of Total Power*. New Haven: Yale University Press, 1957.

Como esses manuscritos não pertenciam ao *corpus* canônico dos “clássicos”, mas eram, sem dúvida, obras de Marx, tanto os escritos de 1844 quanto os de 1857-58 puderam – como demonstram diversos textos da segunda parte desta coletânea – ser considerados, dentro dos próprios partidos comunistas, como base legítima para a abertura de posições até então fechadas. A descoberta internacional quase simultânea dos escritos de Antonio Gramsci – cuja primeira publicação na União Soviética ocorreu entre 1957 e 1959 – desempenhou função análoga. A crença de que os *Grundrisse* tinham potencial para a heterodoxia foi demonstrada pelo aparecimento de traduções independentes não oficiais, como as realizadas pelos reformistas da editora francesa Éditions Anthropos (1967-68) e, sob os auspícios da *New Left Review*, por Martin Nicolaus. Fora dos partidos comunistas, os *Grundrisse* tinham a função de justificar um marxismo não comunista, mas ainda assim inquestionável; contudo, isso só ganhou relevância política na era das rebeliões estudantis da década de 1960, embora sua importância já tivesse sido reconhecida nos anos 1950 por acadêmicos alemães próximos à tradição de Frankfurt, mas distantes do ativismo político – como George Lichtheim e o jovem Jürgen Habermas. A radicalização estudantil em universidades em rápida expansão também proporcionou um público leitor maior do que se poderia ter esperado para textos de tamanha dificuldade. Sem esse contexto, editoras comerciais como a Penguin Books certamente não teriam se disposto a publicar os *Grundrisse*, mesmo como parte de uma “Pelican Marx Library”. Nesse meio-tempo, o texto foi, com maior ou menor relutância, aceito como parte do *corpus* dos escritos de Marx na União Soviética, sendo incorporado à edição anterior das obras de Marx e Engels em 1968-69 – ainda que em tiragem menor do que *O Capital*. Seguiram-se rapidamente publicações na Hungria e na Tchecoslováquia.

Não é, portanto, fácil separar os debates sobre os *Grundrisse* do contexto político em que ocorreram – e que os estimulou.

Na década de 1970, quando tais debates atingiram seu auge, sofreram também de uma limitação geracional e cultural: a perda da maior parte da geração pioneira (principalmente da Europa Central e Oriental) de estudiosos marxianos de dedicação e erudição monumentais – nomes como Riazanov e Rosdolsky. De fato, alguns esforços sérios foram empreendidos por jovens intelectuais trotskistas para desenvolver as análises anteriores acerca do lugar dos manuscritos de 1857-58 no desenvolvimento do pensamento de Marx e, mais especificamente, sobre sua posição no plano geral do que viria a se tornar o torso de *O Capital*.

Contudo, polêmicas teóricas marxistas de grande destaque passaram a ser lançadas por autores como Louis Althusser, na França, e Antonio Negri, na Itália – ambos com formação insuficiente na literatura marxiana –, e recebidas por jovens que, por sua vez, talvez ainda carecessem de familiaridade com os textos ou de capacidade para avaliar as controvérsias passadas sobre eles, inclusive por razões linguísticas. Não é de surpreender, portanto, que a observação feita no capítulo sobre a Itália – de que “a recepção dos *Grundrisse* teve um caráter bastante peculiar” – se aplique a mais de um país.

## **Visão geral**

O presente volume coletivo surge em um momento em que os partidos e movimentos marxistas raramente são atores significativos no cenário global e em que os debates sobre suas doutrinas, estratégias, métodos e objetivos já não constituem o quadro inevitável das discussões sobre os escritos de Marx, Engels e seus seguidores. E, no entanto, ele aparece também em uma época em que o mundo parece confirmar a perspicácia da análise marxiana sobre o *modus operandi* econômico do sistema capitalista. Talvez este seja o momento oportuno para retomar o estudo dos *Grundrisse* de modo menos restrito pelas

considerações temporárias da política de esquerda situadas entre a denúncia de Stálin por Nikita Khrushchev e a queda de Mikhail Gorbachev. Trata-se de um texto imensamente difícil sob todos os aspectos, mas também de uma obra extremamente gratificante, nem que seja porque fornece o único guia para toda a extensão do tratado do qual *O Capital* é apenas uma fração, além de ser uma introdução singular à metodologia do Marx maduro. Os *Grundrisse* contêm análises e percepções – por exemplo, sobre a tecnologia – que levam a reflexão de Marx sobre o capitalismo muito além do século XIX, adentrando a era de uma sociedade em que a produção já não requer trabalho em massa, marcada pela automação, pelo potencial do lazer e pelas transformações da alienação sob tais condições. É o único texto que vai um pouco além das próprias alusões de Marx ao futuro comunista em *A ideologia alemã*. Em poucas palavras, pode-se dizer, com justiça, que os *Grundrisse* representam o pensamento de Marx em seu ponto mais rico.

A presente obra está dividida em duas partes. A primeira reconstrói a biografia intelectual de Marx entre 1857 e 1858, enquanto a segunda apresenta um relato completo e rigoroso da disseminação e da recepção dos *Grundrisse* em todo o mundo.

Em suma, este trabalho realiza uma tentativa muito bem-sucedida, tanto de expor algumas das riquezas dos *Grundrisse* quanto de situar sua gênese e trajetória inicial em seu contexto internacional.

## **Bibliografia**

- Marx, Karl. *Pre-capitalist Economic Formations*. Em: Hobsbawm, Eric J. (Org.). Londres: Lawrence & Wishart, 1964.
- Rosdolsky, Roman. *The Making of Marx's Capital*. Londres: Pluto Press, 1977.
- Wittfogel, Karl August. *Oriental Despotism: A Comparative Study of Total Power*. New Haven: Yale University Press, 1957.